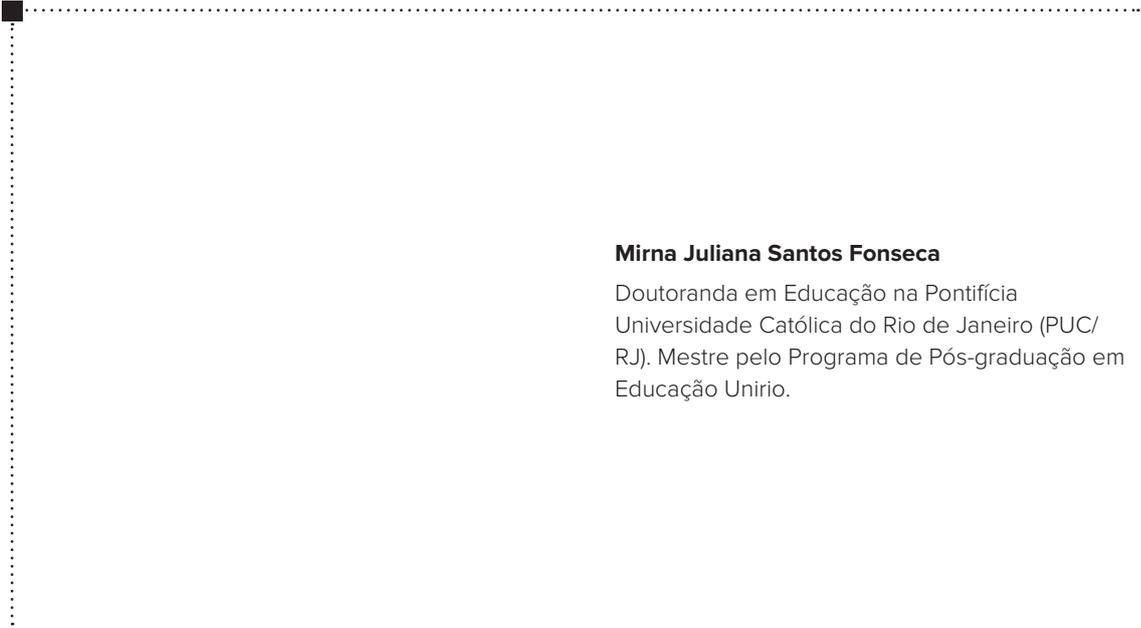


# CINECLUBE COMO ESPAÇO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE



**Mirna Juliana Santos Fonseca**

Doutoranda em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação Unirio.

## RESUMO

O artigo aborda como universitários são formados por meio da experiência vivida em cineclubes universitários – espaços de educação não formal que funcionam dentro de universidades. Foram entrevistados seis participantes desses cineclubes por meio de entrevistas semiestruturadas que ressaltaram suas impressões sobre as relações estabelecidas entre a sala de aula e os cineclubes. A análise das entrevistas apontou como os sujeitos caracterizaram a aprendizagem em cada um desses espaços e como estes se complementam na sua formação. Os jovens consideram a participação nos cineclubes como relevante para sua formação, entendendo que se não participassem desses projetos, não sairiam da graduação com a mesma bagagem, o que confirma a relevância do cinema e da experiência cineclubista para uma educação outra.

**Palavras-chaves:** Cineclubes universitários. Cinema. Formação.

## ABSTRACT

The article discusses how university students are formed through lived experience in university film clubs – non-formal educational spaces that work within universities. To this end, six participants were interviewed from these film societies through semi-structured interviews that highlighted their views on the relations between the classroom and film clubs. The analysis of the interviews showed how subjects characterized learning in each of these areas and how they complement each other in their training. Additionally, the young people interviewed consider participation in film clubs as relevant to their professional formation, they understand that if they had not participated in these projects they would not graduate with the same educational level, which confirms the relevance of film and film society experience to another education.

**Keywords:** University cineclubs. Cinema. Formation.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada foi realizada entre 2011-2013 (FONSECA, 2014). Inicialmente buscamos na internet por cineclubes que funcionassem em universidades e encontramos 18 cineclubes no Rio de Janeiro e região metropolitana funcionando como disciplinas, grupos de pesquisa, ou projetos de extensão. Após os organizadores desses espaços responderem um questionário sobre o funcionamento, as atividades e o público, escolhemos como locus da pesquisa o CinePUC e o Cinerama Eco, determinando esse recorte a partir de dois fatores: o público é constituído por universitários e há sessões constantes.

Os cineclubes carregam, historicamente, a função de ensinar sobre cinema (mesmo, por vezes, não sendo explícita essa intenção), pois sua fundação se deu para a discussão sobre o fazer filmes e dessas discussões é que nasceu a linguagem cinematográfica, utilizada até então, ou mesmo já modificada pelo uso e pelas mudanças as quais o próprio cinema passou. No Brasil, esses espaços funcionaram por muitos anos como as primeiras escolas cinematográficas, formando críticos, cineastas e artistas. Além disso, o movimento cineclubista influenciou e formou a geração dos anos de chumbo, se constituindo importante lócus de compartilhamento de “desejos, medos, paixões, afetos, tristezas, alegrias, sonhos...” (MATELA, 2008, p. 112) dos jovens que “buscavam, de alguma maneira, pensar para além do instituído; que buscavam respirar numa época de repressão, contestando a ditadura militar numa ‘política de pequenos passos’” (MATELA, 2008, p. 112).

O cineclube pode ser considerado, assim, um espaço que propicia relações pedagógicas interpessoais, no sentido de que ali se trocam conhecimentos sobre os filmes e os temas que estes evidenciam, sobre o cinema e o mercado cinematográfico etc., além de estabelecer relações sociais e levantar discussões sobre os mais diferentes assuntos, trazendo à tona posicionamentos éticos, políticos, culturais, críticos, entre outros, modificando pensamentos, alterando posições e transformando aqueles que participam de suas sessões. Além disso, tais espaços abertos dentro da universidade propiciam uma constante fruição da arte do cinema, favorecendo um processo de reinvenção de si e do mundo com o outro, como explica Fresquet (2013):

Se nas escolas e universidades, as artes se constituem como um “outro” pela diferença radical entre criar e transmitir, elas são, também, um “outro” em relação aos professores e estudantes, espelhando-nos com seu olhar, devolvendo nossa própria imagem com outras cores e formas. [...] No gesto de habitar espaços educativos com arte, se imprime uma enorme responsabilidade na reinvenção de si e do mundo com o outro (FRESQUET, 2013, p.9).

Os cineclubes são vistos como uma ação “central e essencial para a sociedade audiovisualizada” (MACEDO, 2010, p. 47). Os participantes compartilham nas sessões suas impressões sobre os filmes (que geralmente estão fora do circuito comercial), discutem sobre o cinema e aprendem sobre o que debatem ali, numa relação coletiva de alteridade. Assim, os cineclubes universitários se constituem numa oportunidade diferenciada de aprender para além do espaço institucionalizado da sala de aula, mesmo que dentro da universidade. Trata-se, portanto, de um espaço não formal de educação inserido num ambiente formal.

Desde seu nascimento, os cineclubes representam importantes espaços de formação. Aqui no Brasil, por exemplo, foi nesse espaço que se formaram vários cineastas e críticos de cinema, quando ainda não existiam faculdades voltadas para essa formação. No início de sua história, foi criada uma gramática cinematográfica, com termos cunhados nesses cineclubes. Neste processo, foram formados grandes nomes da história dessa cultura.

Assim, buscamos analisar como ocorre a formação dentro dos cineclubes universitários – CinePUC e Cinerama Eco, ainda atuantes em duas universidades cariocas. As questões que nos guiaram nesse texto são as seguintes: no processo formativo que vislumbramos ocorrer por meio da experiência no cineclubes, quais as tensões entre a aprendizagem vivida em sala de aula e aquela do cineclubes? Como os universitários compreendem esse processo formativo?

Para atender o objetivo aqui proposto, apresentamos a metodologia escolhida, seguida pelo conceito de formação com o qual trabalhamos na pesquisa. Na sequência, trazemos um panorama sobre os dois cineclubes que constituíram nosso campo e, por fim, as análises das entrevistas no que concerne aos aspectos aqui destacados.

## METODOLOGIA

O encontro inicial com o campo de pesquisa e seus sujeitos ocorreu por meio das visitas aos cineclubes. Com base na pesquisa qualitativa, utilizamos os seguintes instrumentos para compreender como se dá a formação dentro dos cineclubes universitários: questionários (aos organizadores dos cineclubes – por meio desse instrumento foi possível recolher informações sobre o funcionamento dos cineclubes, público que o frequenta, tempo de atividade, relação com as disciplinas e com a universidade onde se insere, entre outras); diários de campo (elaborados nas visitas às sessões – a partir do qual conseguimos conhecer mais de perto as atividades realizadas nos cineclubes, compreendendo as funções e objetivos de cada momento ali vivenciado); entrevistas semiestruturadas (aos participantes e organizadores – por meio das quais buscamos investigar como os estudantes se relacionam com esses espaços de educação não formal dentro da universidade, como eles participam das sessões, e se reconhecem ter uma formação nos cineclubes).

Além disso, nos utilizamos das informações trocadas com os organizadores dos cineclubes por **e-mail** e pelo Facebook. Como explica Duarte (2002):

Outras formas de contato podem também integrar estratégias de investigação qualitativa como conversas informais em eventos dos quais participam pessoas ligadas ao universo investigado (desde que registradas de

algum modo – de preferência, no diário de campo) e coleta de informações adicionais, realizadas de forma mais ou menos regular, por telefone e/ou por correio eletrônico. Nesse caso, trata-se de um material complementar à pesquisa e, embora não se constitua foco central da análise, participa significativamente desta (DUARTE, 2002, p.146).

Em setembro de 2012, iniciamos as visitas ao campo de pesquisa. Foram acompanhadas sete sessões do CinePUC e oito do Cinerama Eco, somando, ao todo, 15 visitas registradas em diários de campo.

Os questionários respondidos sobre o funcionamento dos cineclubes e as anotações feitas em diários de campo em cada sessão da qual participamos nos ajudaram sobremaneira na escolha dos sujeitos que participaram das entrevistas. Os diários de campo tiveram grande relevância no processo de pesquisa, pois a partir deles conseguimos conhecer nossos sujeitos e os movimentos das sessões nos cineclubes.

É no diário de campo que se exerce plenamente a “disciplina” etnográfica: deve-se aí relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados, e também para colocar em dia as relações que foram nutridas entre o etnógrafo e os pesquisados e para objetivar a posição de observador (WEBER, 2009, p. 158).

Por meio desse registro, foi possível responder muitas perguntas sobre o campo, desvendando, por exemplo, que, diferente do que pensávamos, os universitários do Cinerama Eco, mesmo sem a participação de um convidado especial para falar sobre o filme, conseguem construir um debate rico sobre os filmes ali assistidos e fazem inferências destes filmes com situações atuais e históricas de nossa sociedade, ou constroem relações entre as escolhas do cineasta em questão com outros filmes representativos ou não de sua obra. Ainda de acordo com Weber (2009): “É, pois, o diário de pesquisa de campo que permitirá não somente descrever e analisar os fenômenos estudados, mas também compreender os lugares que serão relacionados pelos observados ao observador e esclarecer a atitude deste nas interações com aqueles” (WEBER, 2009, p.158-159).

Em seguida, iniciamos o processo de entrevista com os estudantes por meio da entrevista semiestruturada que, como explicam Boni e Quaresma (2005),

combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal (BONI; QUARESMA, 2005, p.75).

Os dados apresentados pelo campo foram analisados a partir da abordagem qualitativa, pois esse tipo de pesquisa se constitui numa “modalidade investigativa que se consolidou para responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais” (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 30). Na análise das entrevistas, encontramos as categorias que nos ajudaram a responder as questões levantadas neste artigo, a saber: Sala de aula e cineclube e Formação no cineclube. Trazemos os achados de cada uma delas após a apresentação do campo de pesquisa e da abordagem sobre o conceito de formação.

## CINEPUC E CINERAMA ECO

Fundado em 2005 pelos estudantes da recém-criada (na época) Habilitação em Cinema do curso de Comunicação, o CinePUC é organizado por Thiago Ortman e Caíque Melo e tem como objetivo possibilitar o acesso a filmes e diretores aos estudantes de cinema desta universidade, ou qualquer pessoa que tenha interesse em cinema. As sessões são divulgadas pelo Facebook<sup>7</sup> e acontecem na sala K-102 da Pontifícia Universidade Católica (PUC) todas as terças-feiras letivas, às 19h, com público médio de 15 pessoas.

O CinePUC não tem vínculo formal com nenhuma disciplina, projeto de extensão, curso ou departamento da universidade. Quando enviamos questionário com perguntas sobre o funcionamento e a organização deste cineclube, Thiago Ortman respondeu: “Eu particularmente acredito que aprendi muito mais (em termos teóricos) sobre cinema no cineclube do que no curso”.

Nesse cineclube, os debates não têm um direcionamento e todas as colocações trazidas pelos participantes partem do que é trazido nos filmes, como questões políticas, culturais, sociais, além de comentários sobre as escolhas estéticas e artísticas do diretor, entre outras.

O Cinerama Eco também funciona desde 2005, e tem por objetivo promover a cultura cinematográfica e pensar criticamente o cinema, principalmente o cinema brasileiro. Trata-se de um projeto de extensão que chegou à configuração de disciplina complementar por demanda dos estudantes de Rádio e TV (uma das habilitações do curso de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), por conta de uma lacuna existente neste curso no que concerne à exibição de filmes e de pontos de referência em relação ao debate sobre cinema. As sessões desse cineclube acontecem todas as quartas-feiras do semestre letivo às 19h no Auditório do Centro de Produção Multimídia (CPM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e a frequência do público fica em torno de 35 pessoas por sessão. Quanto à sua organização,

7. Disponível em: <<https://www.facebook.com/cinepucrio?fref=ts>>. Acesso em: 6 fev. 2014.

o cineclube conta com três bolsistas de extensão e estudantes que atuam voluntariamente como colaboradores na organização das sessões.

As sessões consistem em filmes seguidos de debate, mediados por algum professor que tenha pesquisa sobre os temas tratados nos filmes, ou mesmo o próprio diretor do filme, ou, ainda, alguém que participou das filmagens como roteirista, ator ou produtor. Quando não há convidados para mediar as conversas sobre o filme, os estudantes fazem suas discussões a partir das impressões que têm sobre o que foi assistido, estabelecendo ali um debate não menos interessado do que quando há um mediador. A divulgação das sessões é feita pelo Facebook<sup>8</sup>.

Os cineclubes pesquisados conseguem mudar um pouco a ordem posta dentro da universidade, fazendo, de certa forma, com que os estudantes parem, pensem, ouçam; enfim, que se permitam atravessar pela experiência (LARROSA BONDÍA, 2002) com o cinema, assistindo a filmes e discutindo sobre eles.

Desde a história do cineclubismo no Brasil, há incursões de suas atividades dentro da universidade, ou mesmo, partindo desta. Atualmente, as atividades promovidas pelos cineclubes universitários não são as mesmas da época da ditadura, pois os tempos e convicções mudaram. O cineclubismo continua a ser uma atividade subversiva no que concerne ao consumo de filmes e à maneira de relacionar-se com o cinema nesses espaços.

As entrevistas realizadas com apoio de um roteiro de entrevista semiestruturada trouxeram diversas informações sobre o modo como os estudantes se relacionam com filmes, com o cinema e com os cineclubes. Destacamos, a seguir, o que entendemos por formação e, na sequência, trazemos as categorias que surgiram nas entrevistas sobre essa discussão.

## FORMAÇÃO

Tomando como parâmetro aquilo que um estudante universitário deve aprender e apreender para sua vida profissional e pessoal, compreendemos que a formação diz respeito a todos os processos de aprendizagem que vivenciam os jovens universitários, abrangendo duas dimensões: a que abarca os conhecimentos promovidos por meio do exigido no currículo de seu curso; e a que compreende os saberes propiciados pelas diversas experiências de alteridade na relação com os quais os jovens estabelecem, seja através de trocas sociais ou com o mundo das coisas.

Embora a formação humana seja de grande relevância para a educação dos jovens universitários a qual estamos tratando aqui, não podemos deixar de ressaltar a importância da educação formal representada pelas aulas ofere-

8. Disponível em: <<https://www.facebook.com/cinecinerama?fref=ts>>. Acesso em: 6 fev. 2014.

cidas nas universidades. Ambas as dimensões são importantes e devem ser levadas em conta na mesma medida. Porém, ações que abarquem a formação social e humana destes jovens têm sido relegadas a segundo plano e não são tão proeminentes nas atividades promovidas atualmente nas universidades. De acordo com Brandão (2008),

O tema da educação e, particularmente, a educação da juventude, tem assumido posição de destaque na mídia e no mundo acadêmico nesse início de século. O desconcerto e impotência diante dos insucessos para formar pessoas íntegras, capazes de discernimento e empenho com a vida pessoal e social tem gerado inquietação e colocado em xeque a capacidade de educar na sociedade contemporânea. [...] A situação no contexto familiar não é diferente. Pais experimentam cotidianamente o desejo, a urgência e, ao mesmo tempo, a enorme dificuldade para apresentar valores aos filhos, na busca legítima de resgatar espaços e perspectivas humanas para a vida social (BRANDÃO, 2008, p.455-456).

De certa forma, o cineclube se coloca como um espaço que propicia outras relações dentro da universidade, possibilitando, através da arte do cinema, um diálogo consigo e com o mundo. Como afirma Matela (2008):

O cinema [...] pode resgatar nossa sensibilidade tão dilapidada na sociedade capitalista de consumo e possibilitar um fazer e desfazer do cotidiano, delineando narrativas que buscam nas experiências coletivas a palavra que nos permite dialogar no mundo e com o mundo (MATELA, 2008, p.113).

Assim, compreendemos as relações ali estabelecidas como fomentadoras de uma formação/educação reconfigurada pela interação com a arte do cinema, como entende Fresquet (2013):

De fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante no espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. Ao mesmo tempo, essa janela vira espelho e nos permite fazer longas viagens para o interior, tão ou mais distante de nosso conhecimento imediato e possível. A tela do cinema (ou do visor da câmera) se instaura como uma nova forma de membrana para permear um outro modo de comunicação com o outro (com a alteridade do mundo, das pessoas, das coisas, dos sistemas) e com o si próprio (FRESQUET, 2013, p.19).

Mas o que esses jovens aprendem nas sessões dos cineclubes universitários que podem ser relevantes para sua formação? Na convivência com os organizadores (em maior proporção) e com os demais participantes, a partir do que conversávamos informalmente antes e depois das sessões, ou do que era

trazido nos debates, e no movimento de sujeitos e partilhas nesses espaços, levantamos algumas pistas sobre que formação está sendo fomentada nessas atividades que promovem, ao mesmo tempo, o encontrar, o assistir e o debater. No cineclube, vivenciamos uma série de experiências de alteridade e coletividade que podem contribuir para nossa formação – e aqui nos inserimos na descrição do que experimentamos nas sessões dos cineclubes pesquisados, como sujeitos “aprendentes” (FRESQUET, 2013), pelo fato de termos passado por essas vivências, juntamente com os jovens universitários. Lá, assistimos a filmes e na relação com a arte do cinema temos ali uma experiência sensitiva que provoca em nós diversas emoções, ainda que não gostemos do filme.

Em nossa pesquisa, observamos a seguinte tensão em relação ao cineclube dentro da universidade: por funcionar dentro de um espaço de educação formal, como os cineclubes pesquisados podem ser entendidos como espaços não formais de educação? A partir dessa questão, foi necessário entender do que se tratam os conceitos de educação formal e educação não formal para, então, desvendar como podemos caracterizar a formação vivenciada nos cineclubes pesquisados. Para essa empreitada, lançamos mão dos estudos de uma das maiores pesquisadoras brasileiras que trata desse assunto, desde 1999, numa crescente pesquisa sobre o tema. Por meio das contribuições de Maria da Glória Gohn (2010; 2011), com a caracterização da educação formal, não formal e informal<sup>9</sup>, distinguindo seus objetivos, espaços onde ocorre, público a que se destina, entre outros aspectos, elaboramos um quadro comparativo sobre educação formal e não formal para sintetizar os conceitos e, em seguida, identificarmos que atributos, entre os observados nos cineclubes pesquisados, caracterizam um espaço de educação formal ou não formal. Eis o quadro:

9. Por não ser relevante para a presente discussão, não trabalharemos com o conceito de educação informal que “incorpora valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados. Os indivíduos pertencem àqueles espaços segundo determinações de origem, raça/etnia, religião etc. São valores que formam as culturas de pertencimento nativas dos indivíduos” (GOHN, 2010, p. 16).

**QUADRO 1. Educação formal x educação não formal**

<b>Categorias</b>	<b>Educação formal</b>	<b>Educação não formal</b>
<b>Educador/agente do processo de construção do saber</b>	Professores e demais profissionais que atuam nas instituições de ensino.	Embora haja a figura do educador social, o grande educador é o “outro”.
<b>Espaços/ Contextos</b>	Instituições regulamentadas por lei, certificadoras e organizadas sob diretrizes nacionais (escolas, universidades, institutos etc.). Ambientes normatizados com regras e padrões de comportamentos definidos previamente.	Territórios que acompanham as trajetórias de vida dos indivíduos: locais onde há processos interativos intencionais. Ambientes e situações interativas, construídos coletivamente conforme diretrizes dos grupos; geralmente a participação é optativa.
<b>Objetivos</b>	Aqueles regulamentados por lei.	Capacitar os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Seus objetivos não são dados a priori, pois se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo.
<b>Atributos</b>	Requer tempo; tem caráter metódico; necessita de gente especializada; sistematiza sequencialmente suas atividades; usualmente divide-se em idade/ classe de conhecimento.	Não está organizada em idade/série/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política do grupo; desenvolve laços de pertencimento; atua na construção da identidade coletiva do grupo.
<b>Resultados esperados</b>	Além da aprendizagem efetiva, há uma certificação com devida titulação.	Uma série de processos como: consciência e organização de como agir em grupos; construção e reconstrução de concepção(ões) de mundo e sobre o mundo; sentimento de identidade com dada comunidade; resgate o sentimento de valorização de si mesmo; aquisição de conhecimento por sua própria prática.

Fonte: Adaptado de Gohn (2010).

No Quadro 1, buscamos destacar as principais características dos conceitos de educação formal e educação não formal, tão bem categorizados por Gohn (2010). Assim, ficam evidentes que características carregam os cineclubes pesquisados, ou seja, onde eles se enquadram em meio a essas características. Para destacar o que entendemos como práticas do Cinerama Eco e do CinePUC, marcamos de cinza os quadros referentes àquilo que estes espaços/projetos seguem e colocam em ação por meio de suas sessões e debates, conforme percebemos nas visitas feitas a esses espaços. Retornando ao quadro, fica claro que a única opção da educação formal que foi marcada como característica dos cineclubes é o espaço/contexto onde ocorrem: em locais institucionalizados de ensino.

Portanto, podemos concluir que esses cineclubes promovem uma educação não formal dentro de um espaço de educação formal, deparando-nos, assim, com um hibridismo: jovens do século XXI, conectados diuturnamente na internet, com acesso a filmes **online**, escolhem ver e debater filmes em modo presencial, numa relação de alteridade coletiva, promovida na troca que estabelece com o público presente, o filme e com a própria cultura cineclubista.

O “debate” – inventivo, informal – propicia e favorece a troca de experiências pessoais e comunitárias com vistas ao conhecimento e construção coletiva da visão de mundo, dos interesses e identidade do público. Assim, como das subjetividades individuais dos participantes (MACEDO, 2010, p. 49).

A situação do Cinerama Eco é ainda mais instigante, pois esse cineclube é reconhecido como disciplina complementar do curso pelo departamento ao qual se vincula, mas não porta-se como tal – ou como modelo posto e seguido pelas demais disciplinas complementares, que possuem ementas, bibliografia de estudo, conteúdos, controle de frequência e avaliação.

Em entrevista, o organizador do CinePUC, Caíque Mello, explicou que uma maior visibilidade do cineclube pela universidade seria algo bom porque assim eles poderiam contar com um apoio relevante para o projeto, como a concessão de bolsas aos alunos que organizam, além de apoio para uma maior divulgação. Porém, por outro lado, ele explicou que seria preciso ter uma maior responsabilidade e comprometimento com o projeto, uma vez que havendo investimento da universidade no CinePUC, certamente existiria uma exigência da instituição sobre a aplicação de seus recursos, como relatórios, prestação de contas e outras informações e avaliações das atividades no projeto. Assim, para os organizadores, é melhor não ter essa “obrigação” com a universidade – tanto que eles mesmos não buscam tal apoio – e, dessa maneira, eles vão levando o cineclube como preferem: sem cobranças, sem amarras, sem obrigações. Indo nessa direção, a equipe desse cineclube garante sua independência e foge de uma possível subordinação que poderia impor amarras às escolhas de filmes, organização das sessões e ciclos, entre outras coisas. É certo que o CinePUC já segue algumas normas por estar dentro da universidade que lhe cede um espaço para existência e manutenção do cineclube, portanto, está subordinado a uma ordem superior.

Observando o que nos mostra a teoria sobre o que caracteriza a educação não formal, e com base nas informações que temos a respeito de como caminham os cineclubes pesquisados dentro das respectivas universidades, enxergamos uma hibridez nesses espaços, uma vez que funcionam dentro de espaços institucionalizados de ensino. Essa hibridez, referente ao tipo de educação que os cineclubes proporcionam aos seus participantes, está ligada àquilo que os mantém como parte de um processo formal de educação e ainda às escolhas feitas por seus organizadores em relação a não formalização (legal) desse espaço junto à universidade.

A seguir, apresentamos o que os estudantes entrevistados ressaltaram em suas falas sobre a relação entre sala de aula e o cineclube, o que destacam sobre sua participação nesses projetos e como percebem sua participação nesse espaço não formal de educação, dando relevância ao debate nesse processo de formação.

## SALA DE AULA E CINECLUBE

Em nossa pesquisa, foi relevante perscrutar como a relação com filmes se dá dentro da universidade, além daquilo que é visto no cineclube, uma vez que estes estudantes fazem cursos de comunicação, muitos deles com habilitação em cinema. Portanto, certamente fazem disciplinas cujas ementas trazem a discussão teórica e a prática sobre esse tema. Assim, uma das questões da entrevista buscou entender como os sujeitos viam a abordagem de filmes em sala de aula, fazendo uma comparação desta com a exibição no cineclube. Esses relatos são importantes para percebermos se esses sujeitos consideram a atividade cineclubista – marginal e que propicia uma educação não formal dentro da universidade – como relevante para sua formação acadêmica.

Ah, eu não posso dizer qual exatamente, mas sem dúvida muitas, assim, porque várias discussões em sala de aula, ou filmes que o professor comentava, eu já tinha visto no CinePUC, já tinha tido alguma discussão lá e com certeza eu levava isso depois pra sala de aula. (Caíque).

Eu lembro de uma aula que tinha uma exibição de filmes e como foi importante as referências do Cinerama pra debater com o professor outros filmes, sabe? E essa pegada que a gente tem de cinema brasileiro também, acho que foi muito importante pra mim. Às vezes a gente acaba se afastando muito, né? (Diego).

Os estudantes destacam que a relação na sala de aula com os filmes levados pelos professores, que escolhem determinados títulos em detrimento de um assunto que será tratado na aula, é hierárquica, e nem sempre o espaço para a discussão é de igual pra igual, como ocorre no cineclube:

Porque na sala de aula era sempre uma coisa hierárquica, o professor sabe e eu não sei, e mesmo quando não era assim, a gente se sente, enquanto aluno, a gente se sente um pouco assim: “o professor sabe e a gente acredita que ele sabe, é a verdade sobre o filme”, e a gente, a nossa opinião é menor do que a dele. Nem sempre. Tem alguns professores que mantêm um diálogo com os alunos e tal, mas dificilmente isso acontece. (Caíque).

Porque o professor ele tá na posição do professor, então, embora isso seja uma visão conservadora da posição de professor, está internalizado na gente que ele vai nos dizer qual é o sentido daquele filme, ou pelo menos qual o sentido dele dentro da disciplina que ele está colocando. O sentido do cineclube, o filme ali ele é coletivo, ele não é jogado pra plateia, ele é da plateia, é essa que eu acho a riqueza do cineclube. Acho importante o professor passar o filme, dar uma leitura sobre o filme, como acho importante o debate do cineclube que tende a ser mais coletivo. Dá pra conviver com as duas. E eu acho importante conviver com essas duas coisas. (Nicholas).

Diego sintetiza a importância do cineclube, em contraponto ao que é visto em sala de aula, para a formação desses estudantes universitários, pois ali, segundo ele, os sujeitos passam a buscar sua identidade cinematográfica, com as tendências e cineastas preferidos, na construção também de suas próprias ideologias:

Acho que no cineclube e na ideia de você trazer esse espaço para os alunos, vai muito de uma coisa individual, de uma busca que muitas das pessoas começam a trazer de forma mais forte pra vida delas, de buscar suas influências, suas ideologias, seus cineastas preferidos, tipo, suas tendências. Então, o cineclube foge um pouco da ementa tradicional de um professor, por exemplo, que ia dar – isso depende muito do professor, tem professores que certamente conseguem isso tudo o que eu tô falando –, mas eu acho que no espaço do cineclube a gente tem uma abertura que nunca se repete em ementa, então tem uma maior liberdade, ali, uma liberdade criativa de pegar várias tendências diferentes e nesse leque maior de possibilidades conseguir conectar com alunos diferentes. Entende o que eu tô falando? O Cinerama abre muitas possibilidades. (Diego).

Os estudantes ressaltam como importante tanto o que é visto em sala de aula, como a experiência vivida no cineclube, havendo uma complementação dessas interfaces em sua formação:

Acho que, como eu disse que os cineclubes não negam a aula de cinema e a aula de cinema não nega o cineclube, os dois são altamente complementares. Acho que funcionam juntamente. (Nicholas).

No próximo item, trazemos o que os jovens entrevistados narraram ao serem interrogados sobre o que eles consideram ter aprendido com o cineclube.

## FORMAÇÃO NO CINECLUBE

A maioria dos jovens entrevistados compreende a experiência nos cineclubes como relevante para sua formação, pois entendem que não teriam a mesma bagagem que têm caso não tivessem participado dos encontros

[...] se não fosse o cineclube, o Cinerama, eu acho que eu teria saído com uma bagagem muito menor da faculdade, sabe? Eu acho que se fosse só por uma questão, se fosse seguir só o caminho tradicional, só ir para as aulas e ter perdido esses encontros – que é muito encontro ali que a gente promove – eu acho que eu não teria pensado metade do que eu pensei, e como eu penso hoje em dia, e como a gente quer dar seguimento a isso. (Diego).

Eu acho que o cineclube, ele me deu margem pra isso. Pra eu poder buscar para além do cinema, para eu buscar para além daquela reflexão única ali de estar ali só batendo um papo sobre cinema, sobre talvez outras coisas, mas pra eu querer me formar, eu querer coisas pra mim, assim. Até para ampliar esse meu conteúdo, entendeu? (Thiago).

Thiago explica que o cineclube deu a ele um maior senso crítico para construir argumentos e reflexões sobre diversas situações, sem ficar preso a uma única verdade. Nossa compreensão é de que a partir do que ele vivenciou no cineclube, passou a buscar conhecimento sobre diversos assuntos de seu interesse, inclusive sobre a arte do cinema, em fontes diversas. O cineclube, para ele, funcionou para a abertura de seus horizontes, na busca de outras verdades na ampliação de seus conhecimentos sobre cinema, entre outras coisas.

Os entrevistados ressaltam como relevantes para sua formação desde aspectos cinematográficos para quem estuda e faz cinema – como o aprimoramento na análise dos filmes, a construção de referências e as dificuldades que permeiam o mercado em que estão inseridos –, até questões que perpassam o relacionamento pessoal, o ouvir o outro e respeitar sua opinião e a ampliação de seus “conteúdos”.

Eu acho que o papel do cineclube, inclusive, de discutir esses filmes depois, acaba trazendo essa linguagem cinematográfica pra mais perto das pessoas. Se você tem oportunidade de conversar sobre o filme, se você não faz cinema, você vai no cineclube, tem oportunidade de conversar sobre o filme que você acabou de ver, com certeza você vai sair dali com muito mais conhecimento sobre cinema. (Clarissa).

A minha vivência no CinePUC com certeza me deu muito mais embasamento pra eu – principalmente nas aulas mais teóricas – poder conseguir pegar um livro de um teórico ou de um crítico e conseguir ver que aquele livro... [...] Saber que, sei lá, aquele crítico, aquele teórico, pra escrever aquilo viu milhões de filmes, teve influências e pra eu conseguir entender aquelas milhões de influências eu tenho que ver, eu tenho que, sabe, discutir aquilo ali, eu tenho que correr atrás. [...] Então, eu acho que é assim: com certeza o CinePUC influenciou pra mim, nesse sentido, de criar, gerar um senso crítico... (Thiago).

E eu acho que esse contato foi fundamental e hoje eu sei muito mais o que o cinema pode representar, do que não pode representar, sabe? O que eu vou buscar representar – entendo muito mais esse embate que sempre vai ser cultural, social, ético, sabe? E quando você divulga seu filme para um festival, por exemplo, aquilo ali vai ser julgado não só de maneira criativa, mas o que seu filme representa, quem ele representa, e se ele vai ser aceito ou não, vai passar muito por essas questões. A gente está muito mais atento a isso hoje do que numa relação ingênua com o mundo da indústria cultural. (Diego).

Por fim, trazemos a consideração de Clarissa sobre a importância do cineclubes na sua formação, pois ela consegue resumir o que foi trazido e ressaltado até então sobre a formação proporcionada pelos cineclubes:

[...] o cineclubes é importante na formação desse sujeito pensante para além do contexto, digamos, no exemplo que eu dei, do contexto histórico, não é uma coisa que tá ilustrando nada, as pessoas vão lá porque elas querem ver o filme e querem discutir o filme. Isso pra formação não só dos universitários, mas dos sujeitos. (Clarissa).

Esses estudantes que frequentam os cineclubes podem ser considerados “espectadores privilegiados”, uma vez que estabelecem uma relação mais de perto com o cinema e tudo o que o envolve. Eles escolhem a forma como consumir seus filmes levando em conta o que vão ganhar de aprendizado sobre a obra, o cineasta, o mercado cinematográfico, as escolhas artísticas e estéticas do filme, sobre a arte.

Os debates feitos em um cineclubes podem contribuir com as discussões que serão realizadas nas aulas de cinema que eles frequentam no curso de graduação. O cineclubes abre o olhar para se buscar mais, para aprender sobre cinema e tantas outras coisas que serão tratadas no debate. Essa experiência forma curadores, líderes, pessoas desinibidas para falar e atentas a ouvir o outro, num processo coletivo e recíproco de formação. Portanto, existe uma experiência formativa nesses cineclubes que vão além da aprendizagem audiovisual. Duarte (2009) confirma o caráter pedagógico da experiência cineclubista, como comunidade da qual fazem parte os jovens aqui pesquisados:

Os chamados “espectadores privilegiados” de cinema, frequentemente mais críticos, mais informados e mais politizados do que os demais, formam-se uns aos outros, permanentemente, de geração em geração. Preservam e programam conhecimentos sobre cinema numa rede de parcerias que possibilita troca de saberes e produção/reprodução de valores e crenças compartilhados na comunidade interpretativa da qual participam. Para eles, o cinema atua como elemento aglutinador e como fonte inequívoca de conhecimento, de formação e de informação, configurando-se, assim, como uma prática “eminentemente pedagógica” (DUARTE, 2009, p.67).

Por fim, os sujeitos pesquisados revelaram estar no debate seu maior interesse em relação ao cineclubes, uma vez que destacam ser “sempre bom” por haver “confronto de ideias”, enriquecendo o filme, como destaca Clarisse. Essa visão vai ao encontro do que compreende Baecque (2010), sobre a relação entre discurso (debate) e cinema:

Pois o cinema exige que se fale dele. As palavras que o nomeiam, os relatos que o narram, as discussões que o fazem reviver – tudo isso modela sua existência real. A tela de sua projeção, primeira e única que conta, é mental: ela ocupa a cabeça dos que assistem aos filmes para, em seguida, sonhar com eles, partilhar suas emoções, evocar sua memória, praticar sua discussão, sua escrita (BAECQUE, 2010, p.32).

Os estudantes entrevistados encaram os debates como fundamentais pra compreensão de determinados filmes: “Tem vários filmes que eu gostei muito mais por causa do debate, ou eu só gostei por causa do debate, e aí me fez ter uma outra visão sobre aquele filme que eu não tinha” (Caíque).

Os debates promovem encontros, embates de opiniões, descobertas sobre o filme e sua filmagem e/ou produção, alguém revela truques usados na montagem ou edição, enfim, são compartilhadas informações que trazem de outras fontes ou que só um atento aguçado para determinados pontos pode perceber, mas que ali são coletivizados com os colegas. Como explica Diego:

E muitas vezes o cara é tão bom que a gente fica só hipnotizado vendo o discurso do cara e a gente vai, e às vezes tem menos perguntas, mais escuta, às vezes não. Mas eu acho que funciona muito porque é o aluno se colocar não exatamente como aluno, ali, mas como um... Curioso, sabe? Não tem esse intermédio tão forte entre o professor e o aluno. Na aula do Cinerama não tem esse paradigma tão forte. Então fica uma coisa mais à vontade, muitas vezes surgem questões que talvez não saíam numa sala de aula. E eu vejo muita gente tomando voz, é muito importante isso, do aluno chegar e falar sua opinião com mais força, tipo, não precisar de uma relação de troca tão vertical, ali é mais horizontal.

Assim, o debate é um momento muito importante de formação coletiva proporcionada pelo cineclubes que ensina a ver, a ouvir e a compartilhar conhecimentos não apenas sobre os filmes, mas sobre escolhas técnicas e sobre tudo o mais que uma narrativa cinematográfica abarca, como relações sociais, histórias e culturas. O debate aparece nas falas dos entrevistados como um momento de aprendizagem diferentes da sala de aula, pois ali se dá uma relação horizontal de troca de saberes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender como os jovens percebem sua formação nos cineclubes, entrevistamos seis sujeitos participantes e/ou organizadores dos projetos. Elaboramos uma análise de como se dá a relação entre a aprendizagem estabelecida em sala de aula (espaço formal de educação) e aquela experienciada nos cineclubes (espaço não formal de educação), sendo que ambos os processos ocorrem dentro da universidade.

Os cineclubes universitários podem ser percebidos como ambientes de trocas coletivas sobre filmes, em que os estudantes formam-se a si mesmos e aos outros por meio de relações de alteridade proporcionada por essa cultura cineclubista. Trata-se de uma cultura analógica, quase da mesma idade que o cinema, vivida e repassada por outras gerações, que ainda consegue se estabelecer e se reafirmar dentro dos muros da universidade, sendo o debate – momento de troca, de encontro e de aprendizado – um grande propulsor dessa escolha dos jovens.

Nos cineclubes universitários pesquisados, os estudantes têm a oportunidade de ver de outro jeito um filme. Pensar de outra maneira um tema que está sendo discutido em sala de aula, ou que está sendo debatido pela/na sociedade. Pelas entrevistas, percebemos que esses espaços são importantes para os jovens no sentido de instigarem o pensar, o buscar e o fazer.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni (Orgs.). Cinema como experiência crítica: tarefas do cineclubismo no século XXI. In: MACEDO, Felipe; ALVES, Giovanni (Orgs.). **Cineclubes, cinema e educação**. Londrina: Praxis 6, 2010. (Série Tela Crítica).

AMANCIO, Tunico. Prefácio. In: MATELA, Rose Clair. **Cineclubismo: memórias dos anos de chumbo**. Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2008.

BAECQUE, Antoine de. **Cinefilia**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <<https://journal.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

BRANDÃO, Sílvia Regina. O percurso formativo de jovens na sociedade contemporânea. **Psicologia USP** [online], São Paulo, v. 19, n. 4, p. 455-466, out./dez. 2008.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-140, mar. 2002.

\_\_\_\_\_; ALEGRIA, João. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação e Realidade: Dossiê Cinema e Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 59-80, jan./jun. 2008.

\_\_\_\_\_. **Cinema e educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Coleção Alteridade e Criação, 2).

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WIVIAN, Weller; PFAFF, Nicole (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010. (Questões da nossa época, 1).

\_\_\_\_\_. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2011. (Questões da nossa época, 26).

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: Autores Associados, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

MACEDO, Felipe. Cineclube e autoformação do público. In: \_\_\_\_\_. ALVES, Giovanni (Orgs.). **Cineclube, cinema e educação**. Londrina: Praxis 6, 2010. (Série Tela Crítica).

MATELA, Rose Clair. **Cineclubismo: memórias dos anos de chumbo**. Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2008.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educação e sociedade**, ano XXII, n. 76, p. 232-257, out. 2001.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? Tradução Cornelia Eckert. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.